

## Avaliação de resistência a viroses de maracujazeiro em condições controladas

Jamile Braga Sampaio<sup>1</sup>, Emanuel Felipe Medeiros de Abreu<sup>2</sup>; Onildo Nunes de Jesus<sup>3</sup>; Cristiane de Jesus Barbosa<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Estudante em Bacharelado de Biomedicina da Faculdade Maria Milza; <sup>2</sup>Analista da Embrapa Mandioca e Fruticultura.

<sup>3</sup>Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura. E-mails: millybraga.jb@gmail.com, emanuel.abreu@embrapa.br

**Introdução** – O maracujazeiro é uma cultura típica de países tropicais, destacando-se o Brasil que é o maior produtor mundial com cerca 776 mil toneladas (IBGE 2014). Em 2012, o Brasil produziu cerca de 776.097 mil toneladas de frutos. O estado da Bahia é o maior produtor de maracujá do Brasil, sendo o responsável por 41,35% da produção brasileira, seguido dos estados de Ceará, Minas Gerais, Sergipe e Espírito Santo. O endurecimento dos frutos é uma das doenças mais importantes da cultura do maracujazeiro (*Passiflora* spp.). As plantas afetadas por esta doença têm a produtividade e a vida útil diminuída. O Passiflora woodiness vírus (PWV) família *Potyviridae*, gênero *Potyvirus* foi descrito como agente causador do endurecimento dos frutos. Entretanto, no Brasil estudos adicionais identificaram o Cowpea aphid-borne mosaic virus (CABMV) sendo o principal causador do endurecimento dos frutos do maracujazeiro. **Objetivos** – O objetivo do trabalho é identificar fontes de resistência ao CABMV nos acessos de maracujazeiro existentes nos banco de germoplasma da Embrapa Mandioca e Fruticultura. **Material e métodos** – Foram selecionadas duas espécies, *P. Cincinnata* e *P. edulis*, do BAG da Embrapa Mandioca e Fruticultura para o trabalho. Para as análises de fonte de resistência foram conduzidos experimentos em câmaras de crescimento (Fitotron) com condições de umidade, temperatura, luminosidade e fotoperíodo controlados. A confirmação da presença e ausência do patógeno nas plantas foi feita por RT-PCR. As plantas foram levadas três dias antes ao fitotron para que estas se adaptassem às condições do ambiente. Para cada espécie foram definidos oito tempos (t-1; t0; t3; t5; t8; t12; t20 e t28), representando os dias antes e após a inoculação. Cada tempo continha oito plantas, sendo quatro plantas controle negativo (ausência do patógeno) e quatro plantas inoculadas com o patógeno. As plantas controle foram inoculadas apenas com o tampão (fosfato de potássio 0,1M e Sulfito de Sódio 0,1M em pH 7,0 e celite). A inoculação mecânica foi realizada no primeiro par de folhas da base para o ápice. Contudo, antes de iniciar a inoculação foram coletadas as amostras do tempo T-1. Em seguida, foram realizadas as coletas dos demais tempos. **Resultados** – Durante os experimentos foram realizadas várias avaliações de presença e ausência de sintomas de virose nas duas espécies usadas no trabalho. Constatou-se que a espécie *P. edulis*, sabidamente suscetível, apresentou sintomas no 13º dias após a inoculação. Entretanto, a espécie *P. Cincinnata*, considerada tolerante, não apresentou sintomas clássicos da presença do vírus, mas um leve mosaico foliar no 12º dia após a inoculação. Após as etapas de avaliações de sintomas e coleta das amostras, foram realizadas extrações dos RNAs totais contendo o RNA genômico do vírus para diagnose por RT-PCR que confirmou a presença do CABMV no *P. edulis*. A diagnose do *P. cincinnata* ainda não foi realizada. **Conclusão** – Os resultados obtidos confirmaram que o *P. edulis* é a espécie suscetível com aparecimento de sintomas clássicos do CABMV aos 13 dias após a inoculação e a espécie *P. cincinnata* é tolerante com sintomas mais brandos aos 12 dias após a inoculação. Os testes diagnósticos para verificação da presença do vírus nos diferentes tempos ainda serão realizados.

**Palavras-chave:** Viroses; resistência; passiflora.